

CONCLUSÃO

A nomeação *tractatiana*, cerne de sua teoria pictórica, funciona a maneira de um mapeamento dos objetos do estado de coisas representados pelos nomes da proposição correlata numa função biunívoca preservadora de relações, como procurei mostrar neste trabalho. Em seu paroxismo, esta tese pode ser estendida da exaustão dos objetos dos estados de coisas representados pelos nomes das proposições elementares para a exaustão do mundo pela linguagem. Além disso, esta função não precisa ser estabelecida por um sujeito empírico ou transcendental, podendo ser definida ao se fazer uso somente de aspectos formais. Isto não significa que o sujeito transcendental não tenha utilidade dentro do *Tractatus*, mas que não precisa desempenhar este papel em específico. O sujeito empírico sem dúvida é o ponto de convergência da projeção que fazem do sinal um símbolo. Entretanto, não precisamos pensá-lo como condição suficiente ou necessária da projeção. Realisticamente, podemos conceber a projeção, portanto, a nomeação como existindo sempre, independentes de um sujeito, com os objetos eternos preconizados pelo *Tractatus*. Ou seja, a função biunívoca entre os elementos do mundo e da linguagem, característica do isomorfismo, pode ser tomada, sem prejuízo conceitual, independentemente do sujeito, seja ele empírico ou transcendental.

A nomeação como uma relação interna e, portanto, necessária entre os nomes e os objetos não precisa ser estabelecida. Faz tanto sentido se falar em estabelecimento de nomeação quanto de construção do espaço lógico. Assim, podemos afirmar que um nome *tractatiano* é por sua própria natureza nome de algo, mais especificamente, nome de um objeto, assim como, um objeto, por sua natureza, é nomeado por um nome em específico. Esta nomeação, deste modo, é inteiramente determinada pela sintaxe, como mesmo propôs Wittgenstein. “A name designating an object there by stands in a relation to it which is **wholly determined by the logical kind** of the object and which signalizes that logical kind¹”. Logo, na esfera semântica da nomeação, é desnecessária alguma espécie de decisão, sendo inteiramente respaldada pela sintaxe comum entre linguagem e realidade e pela relação interna entre nome e objeto nomeado.

¹ WITTGENSTEIN. *Notebooks 14-16*. Anotação do dia 22.6.15. Grifo meu.

Chamar esta nomeação de processo me parece inadequado, porque a relação entre nome e objeto está inscrita na natureza do próprio nome; assim como a possibilidade de um objeto ser nomeado está inscrita na natureza do próprio objeto. Nesta interpretação, a nomeação não pode ser algo que é executado de maneira progressiva até ser completo, é algo que já deva estar inteiramente dado para que nossas representações tenham sentido, assim como o espaço lógico não pode ser constituído ao longo do processo de apreensão do sentido proposicional. Este pressupõe aquele.

Se o mundo pode ser pensado, se deixa ser permeado pelo pensamento, então uma investigação do pensamento, da linguagem e suas leis últimas podem, em princípio, revelar algo sobre a estrutura profunda da realidade, como proposto por Dos Santos em seus trabalhos. Este é o pressuposto máximo do *Tractatus*, a harmonia essencial, representado pela isomorfia entre nomes e objetos, cerne da significatividade de nossas proposições.

Resolvemos, assim, por princípio, a questão da legitimidade de se tomar a relação entre o mundo e a linguagem como uma via de mão dupla no *Tractatus*. Resultados na esfera lingüística têm sua contrapartida imediata na esfera ontológica e vice-versa, assegurados por esta pressuposição de harmonia essencial. Esta via de mão dupla respalda uma espécie de otimismo lingüístico tractatiano: por princípio, todos os fatos do mundo podem ser ditos, porque a linguagem pode exaurir a realidade sem deixar, por assim dizer, pontos cegos, fatos indescritíveis no mundo. De acordo com a visão de José Oscar Marques sobre o que a teoria pictórica tractatiana demanda:

“Cada uma das proposições que compõem o sistema da linguagem deve ter a seu cargo a representação de uma situação bem determinada, e, reciprocamente, a cada uma das situações possíveis, seja qual for o seu nível de complexidade, deve corresponder, na linguagem, uma proposição²”.

Refraseando a famosa tese do bispo Berkeley, podemos dizer que o lema subjacente ao *Tractatus* seria: ser é poder ser dito.

Portanto, Wittgenstein assume uma espécie de princípio irrestrito de inteligibilidade do ser como base de sua Teoria Geral da Figuração, a maneira da tradição chamada por Dos Santos de tradição lógica.

² MARQUES, José Oscar. *Forma e Representação no Tractatus de Wittgenstein*. p.116.

“A reflexão sobre as condições mais essenciais (lógicas) a que se supõe estar submetida toda e qualquer representação enunciativa da realidade, na medida em que identifique, entre essas condições, algumas concernentes aos objetos passíveis de tal representação, se revelará capaz de fundar não apenas teses relativas à linguagem e ao pensamento, mas também teses relativas à estrutura essencial do que, na própria realidade, pode ser pensado, uma tal reflexão poderá revelar traços essenciais da estrutura do mundo³”.

Como defendido neste trabalho, este é o sentido encontrado no que tomamos como a passagem que formula o projeto ou lema do *Tractatus*, contida na passagem 5.4711: uma reflexão lógica sobre o alcance representativo da linguagem revela aspectos essenciais do mundo.

“Uma vez que a linguagem abarca o conjunto das situações que podem vir a ocorrer no mundo, então seus limites coincidem com os limites do mundo. Isso significa que somente pode ocorrer no mundo aquilo que for representável por meio de uma proposição significativa⁴.”

Segundo Wittgenstein, na passagem 5.5561, “a realidade empírica é limitada pela totalidade dos objetos. O limite volta a evidenciar-se na totalidade das proposições elementares. (...)”.

A essência do discurso enunciativo determina o que uma proposição pode dizer. Embora os fatos estejam para a essência do mundo como as descrições estejam para a essência da linguagem, fatos e descrições servem de caminho comum para uma mesma essência garantida pela identidade formal ou sintática entre mundo e linguagem. Num exame perspicuo, o que é dito revela o que não pode ser dito. Um fato revela uma possibilidade dentre um universo absoluto de possibilidades. Uma proposição significativa, através de sua análise, revela o horizonte modal necessário do mundo espelhado pela linguagem.

A análise e o conseqüente entendimento do sentido das nossas proposições garantidos pela lógica, pela essência da nossa linguagem, pressupõem um arcabouço metafísico bem determinado e absoluto, “visível”, mas inefável. Um universo do essencial, do necessário, do absoluto, do incondicionado, da totalidade, um universo que se torna visível pela análise de proposições triviais de nosso cotidiano.

³ DOS SANTOS. *Essência da Proposição e Essência do Mundo*. p. 15.

⁴ MARQUES, Edgar. *Wittgenstein e o Tractatus*. p. 45.

O sentido ético tractatiano se revela assim: a trivialidade nos mostra essencialidades. O que nos parece, à primeira vista, banal e de menor importância é chave para a revelação da esfera absoluta do mundo. Entender, por exemplo, “o livro está sobre a mesa”, nos revela um espaço lógico absoluto que se remete a objetos logicamente simples e eternos. Que, por exemplo, reconhecer como $p \vee \sim p$ como uma tautologia revela que assim o mundo também está organizado logicamente.

O *Tractatus* nos recomenda uma disciplina pela qual, embora conscientes de que há dimensões da experiência humana que ultrapassam os limites da contingencialidade dos fatos, nos abstermos de tratar discursivamente essas dimensões, de tentar expressá-las em proposições da linguagem, ou seja, de fazer filosofia, e a espreitá-las, assim, em silêncio. O sentido ético tractatiano é o de que nos calemos caso o que formos dizer ultrapasse a esfera da significatividade. Dizer essências ou fazer filosofia tradicional seria tão antiético como roubar ou mentir. Mostramos tudo que queremos dizer, mas não podemos sem contra-sensos, ao analisar uma descrição ordinária cotidiana ou ao reconhecermos uma proposição como tautológica pelo auxílio das tabelas de verdade. Assim, mostramos que “the world has a fixed structure⁵”.

O *Tractatus* de Wittgenstein tem com objetivo retórico, apesar de seus paradoxos e contra-sensos, induzir o leitor a superação de todas as teses com a instauração de uma visão correta de mundo. O silêncio proposto no fim da obra indica o papel da metafísica reabilitada, tácita, silente em forma da análise das proposições significativas, ao contrário das canhestras teses da metafísica tradicional erguidas no solo movediço do que não pode ser dito com sentido. Finalmente, vejo o *Tractatus* como um elogio a frugalidade e simplicidade como virtudes maiores possíveis de uma contemporaneidade deflacionista cansada dos folclóricos sistemas modernos totalizadores, o que se remete parte ao propósito e outra parte à beleza dos antigos koans e poemas zen. Aqui se reflete bem, o que poderíamos chamar de espírito wittgensteiniano. Talvez a marca mais inequívoca de uma continuidade ao longo de tantas rupturas em sua filosofia. Embora mude muito, ficam o diagnóstico negativo à filosofia tradicional e o elogio à atividade

⁵ WITTGENSTEIN. *Notebooks 14-16*. Anotação do dia 17.6.15.

que pretende elucidar sempre o mesmo, e se duvidar antes de fundar novos contrasensos.